



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na saída do hotel, antes da cerimônia de posse do Presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos Calderón**

**Bogotá-Colômbia, 07 de agosto de 2010**

**Jornalista:** (incompreensível) a gente gostaria de saber (incompreensível) jantar, como é que foi lá, se o senhor chegou a conversar com o Uribe, sentou à mesa (incompreensível).

**Presidente:** Não, era uma mesa só, querida, era uma mesa só.

**Jornalista:** É? E chegaram a conversar?

**Presidente:** Não, veja, eu não tenho e nunca tive nenhum problema com o presidente Uribe. A relação entre Colômbia e Brasil sempre foi uma relação no mais alto nível de respeito, de colaboração, e quem me conhece sabe que jamais, por qualquer desentendimento ou mal-entendido, a gente iria ter qualquer problema com a Colômbia. A Colômbia é um parceiro importante, tem uma fronteira importante com o Brasil, e nós queremos continuar com essa boa amizade de progresso e desenvolvimento com a Colômbia. Por isso eu fiz questão de vir ao jantar do presidente Uribe e vir à posse do presidente Santos.

**Jornalista:** Presidente, depois do encontro com o presidente Chávez, ontem, a impressão que a gente tinha... a informação que a gente tinha (incompreensível) ia desanuviar o clima entre o presidente Uribe e o presidente Chávez. Isso, de alguma maneira, o senhor sentiu que aconteceu?



**Presidente:** Olha, primeiro, não havia esse compromisso, companheiros, porque vocês não de convir que o Uribe deixa a presidência da República da Colômbia hoje e que a relação da Colômbia com a Venezuela passa a ser com o presidente Santos e o presidente Chávez.

O que eu senti do presidente Chávez, na conversa que tivemos com o secretário-geral da Unasul, o presidente Kirchner, é que o Chávez está disposto a fazer todo o esforço para restabelecer a normalidade política entre Colômbia e Venezuela. Inclusive, disposto a encontrar com o presidente Santos. Aqui, na Colômbia, os sinais que a gente tem ouvido de muita gente que se conversa, é que aqui também tem essa disposição de voltar à normalidade. São dois países que têm mais de 2 mil quilômetros de fronteira; são dois países que têm dependência energética; são dois países que têm um fluxo na balança comercial de quase US\$ 8 bilhões; são dois países que têm milhões de pessoas que transitam livremente de um lado para o outro, às vezes sem saber se são diferentes.

Então, os governantes têm que trabalhar para que haja uma normalidade e volte a ser como sempre foi: uma fronteira de paz, de progresso, de desenvolvimento, porque é isso que a América do Sul precisa. A tese que o Brasil tem defendido é que a América do Sul não pode jogar fora o século XXI como se jogou o século XX, quando nós, em vez de discutirmos o desenvolvimento da América do Sul, a parceria entre nós, a unificação de empresas, os investimentos recíprocos, nós ficamos sempre achando que vinha da Europa ou vinha dos Estados Unidos a riqueza que nós precisaríamos para sermos uma grande nação. E agora nós descobrimos que tudo o que vier para nos ajudar é importante, mas mais importante será tudo aquilo que a gente puder construir a partir das nossas possibilidades, a partir da nossa realidade. E eu acho que tanto a Colômbia quanto a Venezuela têm clareza de que é preciso voltar à normalidade, e eu estou otimista com relação a essa normalidade. Vai ter um novo governo, daqui a pouco vai ter uma conversa,



daqui a pouco tem outra, daqui a pouco todo mundo está se dando bem outra vez, e isso é muito bom para a América do Sul, é muito bom para a América Latina e é, sobretudo, muito bom para a Colômbia e para a Venezuela.

**Jornalista:** (incompreensível) Quando? Daqui a pouco quando? O senhor sabe? Não? Quanto à conversa?

**Presidente:** Ora, veja, eu acho que todo mundo tem pressa, eu acho que todo mundo tem pressa. Porque as pessoas precisam comer todo dia, as pessoas precisam trabalhar todo dia, as pessoas precisam se desenvolver todo dia, e como tem um novo governo, tem uma nova equipe econômica, tem... as pessoas pensam diferente. Eu, há muito tempo, aprendi que não adianta a pessoa dizer para mim: “Ô, Lula, você não vai conversar com o Villanova, que ele não é boa gente”. Ora, ele pode não ser boa gente para a pessoa que me diz, mas pode ser para mim. Então, eu acho que, como tem novas pessoas governando a Colômbia, com nova disposição, já há sinais importantes de que todo mundo quer conversar – até porque todo mundo perdeu com a confusão, todo mundo perdeu com o conflito, todo mundo perdeu com o atrito. De vez em quando, as pessoas também ficam cansadas de brigar. No dia 1º de setembro, o presidente Santos vai ao Brasil, vai ser a primeira lateral como chefe... primeira bilateral como chefe de Estado, e vamos aperfeiçoar ainda mais as nossas relações com a Colômbia.

**Jornalista:** Presidente, o que o senhor achou... foge a esse contexto de paz, de uma iniciativa positiva essa iniciativa que um advogado colombiano, que é o advogado do presidente Uribe, de (incompreensível)?

**Presidente:** Eu, sinceramente... eu, sinceramente, não acho que uma atitude particular de um advogado possa incidir na atitude de um Estado. O advogado



fez isso porque quis fazer. Agora, o Estado colombiano não tem nenhum compromisso com a decisão do advogado.

**Jornalista:** Ele é um advogado do presidente Uribe.

**Presidente:** Veja, o presidente Uribe não é mais presidente, ele deixa de ser presidente hoje. Eu, no dia 1º de janeiro, quando eu deixar a Presidência, eu posso fazer o que eu quiser, mas quem é presidenta do Brasil vai ser outra pessoa.

**Jornalista:** O senhor mencionou outra pessoa, Presidente. O senhor chegou a acompanhar...

**Jornalista:** (incompreensível) femininas aí (incompreensível)

**Presidente:** Tem duas candidatas.

**Jornalista:** O senhor chegou a acompanhar o debate? O que o senhor achou?

**Presidente:** Acompanhei o debate, achei...

**Jornalista:** O que o senhor achou?

**Presidente:** Olha, eu fiquei triste porque é a primeira vez, desde [19]89, que eu não estou debatendo. Eu fiquei, sinceramente, fiquei frustrado de não ver... de não ver eu, ali, de pé, debatendo. Porque quem é... na geração de vocês, vocês não conseguiram ver nenhum debate de presidente em que eu não estivesse debatendo. Então, eu...



**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** ...eu acho, eu acho...

**Jornalista:** Mas o senhor pode (incompreensível)

**Presidente:** Agora, eu acho que o debate, veja, eu tenho uma opinião sobre debate, e acho que eu sou o brasileiro que mais participou de debate em campanha eleitoral. O debate depende da qualidade da pergunta que um candidato faça para o outro. O debate... é normal que as pessoas fiquem ansiosas, porque é sempre uma novidade. Eu já debati com o Serra, eu já debati com tantas outras pessoas. Mas eu acho que o debate foi em um nível bom, em um nível de respeito – porque eu acho importante para o telespectador um nível muito bom de respeito –; acho que as perguntas foram respeitadas, de um candidato para outro. Obviamente que sempre tem um que quer marcar posição mais forte do que o outro. Mas acho que o nível foi bom. Eu acho que todos passaram no teste. Foi o primeiro de uma série de debates que vai ter, e eu acho que isso é importante, porque vai consolidando a democracia no Brasil, e isso vai sendo bom para todos nós.

**Jornalista:** Presidente, a iraniana Sakineh, que está condenada à morte por apedrejamento, pediu para o senhor não desistir dela. O Brasil pode fazer ainda alguma coisa, o que o senhor ainda pode fazer com relação a isso?

**Presidente:** Olhe, eu já fiz... eu já disse o que eu tinha que falar publicamente...

\_\_\_\_\_ : Foi comunicado oficialmente.



**Presidente:** ...depois de pedir para o ministro Celso Amorim mandar o nosso embaixador comunicar. Essas coisas são muito delicadas, porque você tem sempre que levar em conta a legislação de cada país, a soberania de cada país. Eu fiz questão de dizer na minha fala que, como ser humano, como cristão que eu sou, eu não posso imaginar alguém ser morto apedrejado por traição. Eu não consigo imaginar. Por isso foi que eu fiz o pedido, se tivesse condições de mandá-la para o Brasil, nós a receberíamos de braços abertos.

O ministro Celso Amorim pediu para o nosso embaixador falar com os embaixadores, essas respostas sempre demoram; eu tenho um brasileiro que está condenado à pena de morte na Indonésia, eu já falei duas vezes com o presidente da Indonésia, eu já mandei carta...

\_\_\_\_\_ : Portugal teve quatro, cinco brasileiros (incompreensível)

**Presidente:** É. E eles... Eu não sei se a carta fez efeito, se o pedido fez efeito. Avoquei a questão humanitária... Um dia desses, um jornal de São Paulo publicou uma pequena reportagem com um rapaz que está preso lá, que é um rapaz de classe média do Rio de Janeiro; ele disse que errou, que ele sabe que ele tem que pagar, que só eu poderia ajudá-lo. Aquela matéria me sensibilizou, mandei uma outra carta para o presidente da Indonésia.

Mas eles também têm problemas políticos locais, eles também... Agora mesmo, a Síria liberou quatro brasileiros que estavam presos. Mas sempre com o cuidado de que: “bom, se eu começo a liberar, daqui a pouco todo mundo começa a pedir para eu liberar”, vai ser uma... Então, eles vão perder autoridade, vão perder autoridade. Então, nós sempre avocamos a questão humanitária.

\_\_\_\_\_ : O caso da francesa, também, (incompreensível)



**Presidente:** Então, eu acho que é isso, ou seja, eu construí uma relação de amizade com o presidente do Irã, acho que seria importante levar em conta... Eu, como sou contra a pena de morte em qualquer que seja a circunstância, eu sou contra, eu acho que o Estado não tem o direito de matar uma pessoa, mas, de qualquer forma, existe. Então, nós temos que sempre estar apelando... E eu estou virando um apelador aí, para as coisas...

**Jornalista:** Presidente, o tema Colômbia-Venezuela. É recorrente essa crise com os países andinos, sejam, primeiro, Colômbia e Equador, em função do exército colombiano em território equatoriano e agora o problema, outra vez, envolvendo as guerrilhas. Vocês conversaram acerca de algum mecanismo de controle real nas fronteiras para evitar novas crises na região?

**Presidente:** Olha, o Brasil já teve uma boa participação com o Equador na questão das fronteiras; já teve, e foi muito importante. Veja, o que nós temos que ter em conta é o seguinte: nós estamos em um processo de construção da democracia na América do Sul. É importante vocês não se esquecerem nunca de que, hoje, nós estamos vivendo o mais longo período de democracia contínua no Brasil, se você quiser pegar a Constituição de [19]88 como marco ou se você quiser pegar a posse do Sarney como marco. É o mais longo período de democracia contínua no Brasil, e assim vale para muitos países da América do Sul.

Então, nós estamos nesse processo de construção, e eu acho que já evoluímos demais. Eu tive a oportunidade de participar da melhor reunião do Mercosul, na semana passada. A Unasul está melhorando substancialmente – já temos secretário-geral –, as coisas tendem a melhorar porque as pessoas, todas, estão descobrindo que as brigas a que nós fomos submetidos no século passado tinham nome e tinham endereço, ou seja, tinha atores que gostavam que nós desconfiássemos uns dos outros. Durante muito tempo, durante todo



século XX, o Brasil era tido como um Brasil perigoso para os outros países da América do Sul. Isso era a doutrina que era imposta por outros que tinham interesse de competir com o Brasil. Então, nós, agora, desmistificamos isso, estamos construindo uma outra relação. E você veja que a vinda do presidente Rafael Correa aqui é um sinal muito importante de que ele tem esperança de que, a partir de agora, as coisas possam melhorar muito. A vinda do primeiro... do chanceler Maduro, aqui, é outra demonstração de que tem boa vontade de todos os lados. E, se tem boa vontade, é 50% do caminho andado, e eu espero que a gente tenha sucesso. Convido vocês a irem à posse do Manuel Santos.

**Jornalista:** Presidente, só uma coisa: em relação a Honduras, quando que o governo brasileiro vai reconhecer?

**Presidente:** Fica para outra entrevista.

(\$31DGJLQ)